

# Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil

REGINA ZILBERMAN\*

## 1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL: O LEITOR E A QUALIDADE ARTÍSTICA.

A literatura para crianças e jovens expande-se como gênero literário a partir do momento em que a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado. Isto não transcorreu antes do século 18, na Europa e do século 20, no Brasil, sendo que este fato veio acompanhado de outros eventos. No plano social e econômico, aconteceu a consolidação da burguesia, da economia capitalista e de um modo de vida centrado na família, da qual emanam um comportamento doméstico e a determinação de papéis sexuais (marido e mulher com funções próprias na organização do lar) e etários (pais e filhos com responsabilidades diferenciadas no conjunto da vida social). No plano pedagógico, assiste-se à reorganização da escola e do sistema de ensino. E, no plano artístico, verifica-se a profunda modificação causada pela decadência dos gêneros clássicos, como a epopéia e a tragédia, bem como a afirmação de formas populares, num leque amplo que se estende desde o romance até o folhetim, tornando-se este o berço da cultura de massas.

Surgindo ao lado destes acontecimentos, a literatura infanto-juvenil está plenamente integrada ao espírito dentro do qual eles se desenvolveram, fato que determina as características abaixo discriminadas:

a) ela não pode prescindir de um destinatário particular, a criança, já que apareceu no horizonte literário para atender a demanda específica deste novo público;

---

\* Professora do Curso de Pós-Graduação em Letras e pesquisadora do Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul.

b) vinculada, desde o início, ao sistema escolar, atua como um reforço deste, de modo que se dobra aos interesses da pedagogia e confunde-se com a função educativa que lhe é tributada;

c) como sua expansão acompanha o crescimento de seu público, não foge às regras do mercado, arriscando-se a ser completamente assimilada à indústria cultural e às modalidades da cultura massificada.

A conseqüência mais importante diz respeito à circunstância de que a literatura para jovens suscita efetivamente um consumidor especial e não pode sobreviver sem ele, cabendo-lhe, em princípio, adequar-se às suas preferências e necessidades. Sofre, por conseguinte, prejuízos muito grandes, já que, como a sociedade concebe a criança como uma criatura diminuída e dependente, a produção dirigida a ela encampa seus atributos — a menoridade e a inferioridade. Por esta razão, o gênero vê recusada sua incorporação ao panteão das grandes realizações literárias.

Todavia, tal como ocorre a todo texto com ambições artísticas, o compromisso maior de uma obra destinada à infância é, antes de mais nada, com o sucesso estético e, conseqüentemente, com a arte. Pois não há uma incompatibilidade entre estes dois fatores — a necessidade tanto de respeitar o interesse do leitor infantil, como de, simultaneamente, ter qualidade. Afirmar o contrário é que seria pernicioso: corresponderia ao endosso da concepção através da qual a sociedade estigmatiza a criança e a cultura voltada a ela, considerando-a como um ser inferior, com direito tão-somente a produtos de validade menor.

Ao escritor de literatura infanto-juvenil, cumpre, portanto, a harmonização entre estas duas exigências: a de criação artística, o que significa ser renovador e original na sua representação da realidade; e a de respeito ao universo infantil, simbolizando os anseios deste e suscitando a identificação da criança, quando da efetivação da leitura da história.

## 2. AS LIMITAÇÕES EXPERIMENTADAS PELO ESCRITOR

Como a literatura infanto-juvenil exige, por parte do autor, um compromisso primeiro com o exercício de sua arte, fica claro que não é o assunto que pode lhe impor qualquer espécie de limitação, e sim a preocupação com a criatividade literária e com o valor estético. Contudo, é inegável que alguns temas encontram maior acolhida pelas crianças, e outros, não, o que se atribui a uma razão singular: a situação

especial vivida pelo leitor infantil. Como a criança tem uma experiência ainda precária da realidade, ela busca na cultura um assessoramento de ordem existencial, e esse é o que uma obra literária pode lhe oferecer. Não se trata, é importante frisar, de uma lição moral ou de uma mensagem gratificante. Pelo contrário, tais assuntos, devido à sua índole pedagógica e ao fato de refletirem as aspirações do adulto, nunca podem coincidir com a experiência do real que a criança ou o jovem busca. Logo, uma outra limitação se mostra, dizendo respeito sobretudo à obrigação de se evitar conteúdos edificantes nos textos, mesmo quando estes são de tendência progressista.

É mister mencionar igualmente um outro tipo de impedimento no que se refere ao tratamento do assunto: é a importância de as histórias receberem um desfecho e, principalmente, uma solução para os conflitos levantados pela trama. Como demonstrou Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, o processo de leitura vem acompanhado por uma forte dose de identificação entre o leitor-criança e o herói, já que este incorpora a perspectiva infantil. Deste modo, na ausência de um desfecho, e sobretudo do sucesso do protagonista na empresa, o leitor transferirá a dificuldade para si mesmo, o que repercutirá negativamente nele, enquanto sintoma de impotência e angústia.

Em decorrência destes aspectos, se a literatura infanto-juvenil não abre margens a possibilidades infindáveis de experimentação artística, percebe-se, por outro lado, que as limitações que sofre não dizem respeito a algum tema em particular, à linguagem ou à urgência de se instalar qualquer tipo de censura. Pelo contrário, seus limites advêm, de um lado, da necessidade de um desenvolvimento coerente da intriga, rumo a um final feliz; e, de outro, da ausência de um conteúdo moralizante, cuja ocorrência, se pode ser conveniente para o adulto, reverte em prejuízo para a criança. Em suma, se existem limitações, e não há como negá-las, sua razão de ser decorre de dois tipos de exigências: as primeiras, de ordem interna, relativas à elaboração do texto; as outras, de ordem externa, decretadas pela natureza especial de leitor que o gênero tem — a criança.

### 3. A ATUALIZAÇÃO DOS ASSUNTOS

É natural que a literatura infanto-juvenil continuamente se atualize, incorporando novos temas e procurando traduzir problemas contemporâneos nos textos. Com isto, expressa sua reação às mudanças

sociais, o que justifica a introdução, nos últimos anos, de temas próprios à civilização urbana: a poluição, a depredação da natureza, os conflitos entre pais e filhos, etc. Além disto, sua modificação interna permanente constitui a condição de se manter receptiva e atenta aos interesses de crianças e jovens.

Por outro lado, é preciso ressaltar que esta atualização, para ser considerada como tal, deve coincidir com renovação, ou seja, arejamento das idéias e do tratamento dos assuntos representados. Seria equivocado confundi-la com a modernização de fachada, isto é, com o aproveitamento das mudanças tecnológicas e a introdução de situações evoluídas, para encobrir velhas idéias ou uma postura conformista perante a realidade. Este processo pode ser verificado com os produtos oriundos da indústria cultural e também em vários livros, nos quais estão presentes contextos avançados, o progresso técnico e mesmo a antecipação do futuro, sem a correspondente e imprescindível renovação da mentalidade das personagens ou das situações.

#### 4. AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NACIONAL

A literatura para crianças, no Brasil, passou nos últimos anos por um impulso digno de nota. Isto determinou um crescimento quantitativo da produção, decorrente de um conjunto de fatores: o aumento da faixa de escolarização obrigatória, a partir da reforma de ensino; a euforia econômica do início dos anos 70; e os novos investimentos editoriais, visando a um mercado específico — o público infanto-juvenil, consumidor potencialmente tão atuante quanto o adulto.

O resultado foi múltiplo: houve a melhora na qualidade do livro infantil brasileiro, bem como o aparecimento de escritores de valor, imprimindo nova dinamicidade à história deste gênero literário, bastante estagnado desde a morte de Monteiro Lobato. Verificou-se também a tentativa gradual de integrar novas constelações temáticas à literatura infanto-juvenil. Com isto, abriu-se um produtivo debate a respeito da natureza da literatura para crianças, seu alcance e seus limites, investigando-se a viabilidade de determinados assuntos e processos de criação.

Conseqüentemente, a literatura infanto-juvenil brasileira enfrentou e superou uma série de tabus: recrutou personagens de outros contextos raciais que não o branco, como o preto e o índio; introduziu outras

classes sociais, as menos favorecidas, escapando, pois, ao círculo restrito da rica burguesia urbana; abordou o problema do menor abandonado, da falta de trabalho, do sexo e da morte; discutiu e polemizou a história brasileira. E — o que é mais importante — procurou abdicar da posição autoritária que a marcou por longo tempo, recuperando, assim, a experiência até hoje exemplar das obras de Monteiro Lobato. Com isto, surgiram novas figuras humanas e novos cenários, nos quais se identifica a presença da atualidade da criança e de seus problemas pessoais, no relacionamento consigo mesma e com o mundo que a cerca.

É a partir daí que cabe destacar obras e autores representativos da modernidade da literatura brasileira, sem esquecer o papel, ainda insuperado, desempenhado pela ficção de Monteiro Lobato. Poder-se-ia destacar, entre os livros a serem colocados ao alcance da criança e do jovem de nossos dias: Lygia Bojunga Nunes: *Os colegas*; *A bolsa amarela*; *Corda bamba*; *Angélica, O sofá estampado*; Ana Maria Machado — *Raul da ferrugem azul*; *Do outro lado tem segredo*; *De olho nas penas*; *História meio ao contrário*; *Bem do seu tamanho*; Joel Rufino dos Santos — *O curumim que virou gigante*; *A pirilampéia e os dois meninos de Tatipurum*; *Festa no céu*; Maria Heloísa Penteadó — *Lúcia Já-Vou-Indo*; *O short amarelo da raposa*; Carlos de Marigny — *Lando das ruas*; *Detetives por acaso*; Edy Lima — *A vaca voadora*; Bartolomeu Campos Queirós — *Estória em três atos*; Wander Piroli — *Os rios morrem de sede*; Sérgio Caparelli — *Os meninos da rua da Praia*; *Ana de salto alto*; Fernanda Lopes de Almeida — *A fada que tinha idéias*; *Gato que pulava em sapato*; *A curiosidade premiada*; Ruth Rocha — *O reizinho mandão*; *O rei que não sabia de nada*; *O que os olhos não vêem*; *Marcelo marmelo martelo*; Orígenes Lessa — *Aventuras do moleque Jabuti*; *Seqüestro em Parada de Lucas*; Mirna Pinsky — *Nó na garganta*; *As muitas mães de Ariel*; *Quebra-cabeça*; Marina Colasanti — *Uma história toda azul*; Antônio Hohlfeldt — *Porã*; Werner Zotz — *Apenas um curumim*; Maria Lúcia Amaral — *Cadeira de piolho*; Ganímedes José — *A galinha Nanduca*; *O menino e a lagartixa*; Haroldo Bruno — *O misterioso rapto de Flor-do-Sereno*; Eliane Ganem — *A fada desencantada*; *Coisas de menino*, entre tantos outros escritores e livros aparecidos nos últimos anos que, como estes, demonstram a vitalidade da moderna produção para a infância e juventude em nosso país.